

# FALAR DE SI NA REDE: UM ESPAÇO PARA QUEM (NÃO) SOU<sup>1</sup>

Carolina Padilha FEDATTO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Refletiremos neste texto sobre a constituição subjetiva e a circulação da linguagem no espaço virtual por meio de uma análise de perfis do Twitter em que o sujeito se descreve ou se apresenta usando uma negação. Consideramos, para tanto, que o virtual tem uma existência histórica regida tanto pela fixidez da memória metálica quanto pelo devir do sujeito na memória discursiva. Em decorrência disso, a *escrita de si* na rede assume uma forma narrativa provisória, voltada para o futuro do não-ser ou do ser-outros, em contraposição ao efeito de atualidade, instantaneidade e totalidade das informações alimentadas pela rede eletrônica. A partir daí, perguntamos como o sujeito se inscreve nessa rede que tende à totalidade e quais são os efeitos do virtual em sua constituição. Deriva, suspensão e ubiquidade são algumas das formas de virtualizar-se, ver e ser visto pela tela, efeitos de sentido que não são sem consequência para a vida social fora dela e que encontram na *negação* uma forma de expor as contradições do contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita de si. Tecnologias de linguagem. Negação. Análise do Discurso e Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão das análises aqui desenvolvidas foi apresentada no Simpósio “Ciberespaço, sujeito e sentidos: constituição do discurso e efeitos na rede”, organizado pela Profa. Dra. Dantielli Garcia, no 62º Seminário do GEL, Campinas, julho de 2014.

<sup>2</sup> Universidade do Vale do Sapucaí. *E-mail:* carolinafedatto@yahoo.com.br

## Introdução

Em sua introdução a *Como ler Lacan*, Slavoj Žižek (2010) retoma a ideia freudiana das grandes feridas narcísicas sofridas pelo homem em decorrência dos avanços da ciência (FREUD, 2010 [1917]). Já se tornaram clássicos os paralelos de Freud sobre a descentralização do homem relativamente, primeiro, à demonstração copernicana de que a Terra, portanto os humanos, não são o centro do universo; depois, ao lugar banal ocupado pelo homem na evolução dos seres vivos a partir dos estudos de Darwin e, finalmente, à descoberta do inconsciente que nos mostra que o *eu não é senhor em sua própria casa*. Seguindo essa postura descentralizadora, o filósofo esloveno anuncia uma quarta chaga narcísica, nossa contemporânea, desta vez relativa aos desenvolvimentos da informática: “nossa mente é uma mera máquina de calcular, processando dados; nosso senso de liberdade e autonomia é a ilusão do usuário dessa máquina” (ŽIZEK, 2010, p. 8).

Atualmente as benesses da computação em nuvem, que torna acessível qualquer arquivo por meio de navegadores que trazem misteriosamente dados dispersos pelo mundo, guardados muito longe e controlados sabe-se lá como ou por quem, também acentua a *privatização* do espaço público universal e aprofunda a *alienação* do usuário à máquina (ŽIZEK, 2011, p. 9). Por mais que nos surpreendamos com a capacidade cada vez mais refinada dos modernos aparelhos da computação atual e saibamos que pouco sabemos sobre os mecanismos técnicos, ideológicos e econômicos que os regem, temos a ilusão de controlar os múltiplos dispositivos eletrônicos que nos cercam, assim como acreditamos na soberania da Terra, na especificidade dos humanos e na força de vontade da consciência. Partimos, portanto, dessas ilusões fundamentais, desses enganos necessários que não se prestam a serem desfeitos, pois asseveram o funcionamento do sujeito e da sociedade. A eficácia material do imaginário está ligada à força dos esquecimentos subjetivo e referencial formulados por

Pêcheux (1998 [1975]). Crer-se fonte de seu dizer e não desconfiar de que o sentido do que se diz não é único nem transparente são garantias de que não nos perderemos indefinidamente na busca da ideia original ou na procura pela palavra que melhor traduz a essência das coisas ou das ideias. Isso porque, retomando as palavras lacanianas proferidas por Pêcheux, “o real é o impossível... que seja de outro modo” (2006 [1983], p. 29). Ou seja, há real. E ele não é completamente acessível aos sujeitos, porque a linguagem – nosso único meio, talvez, de acessá-lo – não é um reflexo adequado do mundo; a linguagem é um recorte, é interpretação. O real transborda, excede, mas buscamos sempre um modo de cerni-lo, muitas vezes pelo virtual...

Enveredamos assim por um dos muitos caminhos que levam a discussões sobre a natureza da linguagem. Ainda em meados do século passado, Lacan entrevia relações interessantes do sujeito com a cibernética, essa linguagem do sim ou não:

Sabe-se que a máquina não pensa. Nós é que a fizemos. E ela pensa o que lhe mandamos pensar. Mas se a máquina não pensa, está claro que nós mesmos também não pensamos quando efetuamos uma operação. Seguimos exatamente os mesmos mecanismos que a máquina. (LACAN, 1985 [1955], p. 379)

Concorrendo com perspectivas tragicamente idealistas de que a informática seria a ruína da subjetividade, essa breve conferência de Lacan indica, ao contrário, que é justamente por *independe* do sujeito que a cibernética faz eco sobre o funcionamento do inconsciente, o único possível *senhor na casa do eu*. Abstendo-se de escolhas conscientes e no encaço dos passos programados na máquina – que opera a partir da instauração de uma ordem binária alternativa entre presença e ausência –, o sujeito é lançado no campo do *acaso*, de uma *causa sem intenção*, própria precisamente do trabalho do inconsciente (LACAN, 1985 [1955], p. 369). Com essa aproximação, o autor assinala que “a cadeia das *combinações possíveis do encontro* pode ser estu-

dada como tal”, sem interferência da subjetividade (LACAN, 1985 [1955], p. 379, grifos nossos), o que leva a separar a sintaxe, que estrutura as relações de sentido, da semântica, que é povoada pelo desejo e pela história dos homens. Mas, ao mesmo tempo, o sentido só pode se dar porque o homem foi *jogado nas engrenagens da linguagem* (LACAN, 1985 [1955], p. 383). Não há separação, pois, entre forma e conteúdo. Há, sim, distinção entre os planos do imaginário e do simbólico. Enquanto o imaginário embaralha, o simbólico dá as cartas que o real permite.

Mas o que dizem as palavras empregadas pelo sujeito no ciberespaço? Como lidam com a repetibilidade da máquina? Esbarram em quais acasos? Com essas questões, nossa reflexão recairá sobre o papel do espaço virtual na constituição do sujeito, sobre como a rede disponibiliza modos de ser/dizer e sobre como, pela linguagem, o sujeito lida com a *aparente totalidade* propagada pela informática, subjetivando-se na movência das atualizações informáticas. Nossa análise tangenciará a pista de uma *negação* onde se esperava uma afirmação. Chamado a se definir nas redes sociais, o sujeito rateia, retorce indefinições e deixa ficar o *não dito* pelo dito. O sujeito diz como *não é*. Esse *não* será trabalhado como um sintoma das relações entre o indivíduo e a rede, entre o homem e a máquina, entre o eu e os outros. Para isso, reenviaremos as práticas de *escrita de si* características das redes sociais virtuais aos processos históricos do *cuidado de si* e *governo dos outros* estudados por Michel Foucault. Num segundo momento, descreveremos o modo de entrada do sujeito no Twitter, as instruções que lhe são postas como condição para aceder à rede e suas consequências para as relações entre memória e esquecimento, virtualização e atualização. A seguir, analisaremos de forma mais detida o funcionamento da negação nos perfis de alguns usuários, assim como os sentidos da sociedade em rede, de acordo com Manuel Castells (1999), e os efeitos da virtualização, como pensa Pierre Lévy (1996). Por fim, algumas conceituações de ordem filosófica sobre a negação servirão de fecho entreaberto

e um pouco frouxo para as reflexões a que nos propomos sobre o papel do *não* nos processos de subjetivação na contemporaneidade.

## **A escrita de si na sociedade em rede**

*Falar de si* pode ser considerado um desafio. Prática que exige escuta autorreflexiva, olhar de fora para si mesmo, interpretação da própria personalidade, seleção de afazeres, gostos e afetos... Nesse movimento de retorno sobre um eu projetado, falar de si demanda também a construção de uma imagem voltada para o outro. Perguntas do tipo *como eu gostaria que me vissem, qual imagem de mim desejo mostrar* costumam sustentar, mesmo que inadvertidamente, exercícios de autodescrição. Em termos teóricos, diremos que no falar de si – como em todo discurso – atuam *formações imaginárias* que projetam lugares sociais nos modos de dizer. Lugares esses que dizem respeito ao sujeito e suas relações sociais, mas que não aparecem diretamente no discurso, irrompem como *posições do sujeito*, isto é, como lugares sociais *presentes, mas transformados* porque passaram por um trabalho do imaginário sobre as situações objetivamente definíveis (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 82). A postura filosófica que defendemos é que nenhuma forma de linguagem reenvia diretamente, como já aludimos, à verdade das coisas, pois a linguagem não é transparente e há sempre sujeitos (suas posições e contradições) envolvidos no dizer.

Na vida social em geral, somos convidados a falar de nós mesmos em situações bastante específicas e formais, como em apresentações profissionais. Nesses casos, sabe-se que o enfoque deve ser dado à formação escolar e acadêmica, às experiências de trabalho, às habilidades e conquistas. O campo *do quê* dizer está mais ou menos circunscrito pelas práticas anteriores. E há uma série de instruções, nesse sentido, sobre objetividade, clareza e eficácia do conteúdo, correção e adequação da linguagem etc., etc., etc. Também se é

levado a *falar de si* na vida pessoal e afetiva. Nestes casos, nos endereçamos a um outro mais heterogêneo: colegas de trabalho, amigos de amigos, pretendentes amorosos e seus familiares. E esses costumam ser também momentos tensos, pois não se sabe direito o que esperam de nós, o nervosismo toma conta e os excessos e fracassos geralmente, também, já que é no imprevisto que se deve encontrar *o quê* falar de si.

Além, então, de situações sociais já bastante ritualizadas como apresentações profissionais e familiares, exposição de intenções por meio de cartas ou conversas, currículos e biografias, há uma nova prática do *falar de si* cada vez mais disseminada para fins diversos, em situações multiformes e entre pessoas absolutamente distintas socialmente: são os perfis das redes sociais no mundo virtual. A novidade dessa prática pode ser atribuída, talvez, à heterogeneidade do uso que delas pode ser feito e à velocidade e ao alcance cada vez mais popularizado que têm. Questão de mercado, certamente. Não de liberdade ou democracia. Essas relações virtuais, tal como entende Lévy (1996, p. 12), não devem ser pensadas como sendo *nem boas, nem más, nem neutras*. Elas fazem parte dos processos de mudança, transformação, movimento e são consideradas como *um modo de ser no mundo* que se articula a outros modos de ser, para Lévy (1996): real e possível, virtual e atual. *Se real e possível* se contrapõem em torno da *realização* ou não de uma existência já dada; *virtual e atual respondem* ao problema da invenção, do novo, da transformação. A *virtualização* não é, assim, desrealização, mas potência (LÉVY, 1996, p. 15-18). Nesse sentido, e o filósofo vai mostrando isso na análise da virtualização do corpo, do texto e da economia, o virtual faz parte, desde sempre, das práticas humanas; é uma forma de humanizar-se, já que, para o autor, é um processo de *acolhimento da alteridade* (LÉVY, 1996, p. 25).

Esse caráter *potencial* da virtualização constitui diversas práticas de linguagem difundidas em redes sociais virtuais, sendo trabalhado em nossa reflexão por meio da historicidade das práticas de *escrita de si*. E esse é um

tema também muito caro aos que se interessam por filosofia, psicologia, estudos da linguagem e literatura, pois foi um assunto intensamente trabalhado por Michel Foucault em seus últimos seminários, os quais tinham por objetivo compreender as transformações das práticas que instituem o *cuidado de si* como forma de *governo dos outros* da antiguidade greco-latina até nossos dias (FOUCAULT, 2004 [1982]). A escrita de si, mostra Foucault, era um exercício estimulado nos meios religiosos e filosóficos mais antigos de que se tem notícia. Em uma obra fundadora para a discursividade cristã, Atanásio de Alexandria, conhecido como O Confessor, faz seu elogio à prática que se renova e tanto nos ocupa na vida virtual contemporânea:

Eis uma coisa a observar para se ter a certeza de não pecar. Que cada um de nós anote e escreva as ações e os movimentos da nossa alma, como que para no-los dar mutuamente a conhecer e que estejamos certos que, por vergonha de sermos conhecidos, deixaremos de pecar e de trazer no coração o que quer que seja de perverso. Pois quem consente ser visto quando peca, e após ter pecado, não prefere mentir para ocultar sua falta? [...] Do mesmo modo, escrevendo os nossos pensamentos como se os tivéssemos que os comunicar mutuamente, melhor nos defenderemos dos pecados impuros por vergonha de os termos conhecido. Que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascese [...]. (Atanásio, *A vida de Antonio*, apud FOUCAULT, 1992, p. 130)

Foucault destaca três analogias importantes que este texto irá legar para a escrita na cultura do conhecimento de si. Ele mostra, primeiramente, que a escrita é colocada como algo que *atenua os perigos da solidão*, oferece um *olhar possível* ao que se viu ou pensou e desempenha o papel de um companheiro, suscitando *respeito e vergonha*. A escrita de si é, pois, um trabalho não somente sobre os *atos*, mas sobre os *pensamentos* e, nesse sentido, pode ser aproximada ao papel da *confissão*. Também constitui uma *prova de verdade* sobre o que se passou ou pensou (FOUCAULT, 1992, p. 131-132).

O autor vai mostrando também que as práticas de governo de si e dos outros por meio do conhecimento de si e sua escrita têm um importante assento nos chamados *hypomnemata*, que eram inicialmente livros de contabilidade, registros notariais e cadernos pessoais que passaram a servir de agenda e costumavam ser usados como livro de vida e guia de conduta por um público mais cultivado. Neles, diz Foucault (1992, p. 135), eram registradas “citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória”. Esses cadernos de notas funcionavam como uma *memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas* e serviam como um tesouro acumulado visando à releitura posterior.

No caso das redes sociais virtuais, aquilo que o sujeito publica, posta, curte e replica oferece-se à leitura do outro e apresenta uma imagem do eu ao olhar social. Sob o efeito da instantaneidade, efeito esse produzido pelo funcionamento do programa que, num *simulacro do presente*, alimenta permanentemente as informações e exhibe sempre as publicações mais recentes, o Twitter, nosso objeto de estudo, coloca questões para o sujeito que se virtualiza ao dizer de si. Como em toda virtualização, há um *desprendimento* do dizer em relação ao *aqui e agora* (LÉVY, 1996, p. 19). Algo é escrito e deixado lá para ser lido. A situação em que esse dizer se produz pode não mais estar *presente* no momento da leitura, a despeito de o programa simular uma instantaneidade, até mesmo uma sincronia. Mas o *desligamento do puro imediatismo*, isto é, a historicidade dos dizeres ali enunciados, é disfarçado pelo funcionamento da rede social que, pela repetição do mesmo (o mais atual) produzido por uma *memória metálica*, sem furo ou esquecimento (ORLANDI, 1998), parece disponibilizar sempre e somente a *instantaneidade* em relação aos dizeres do sujeito. No entanto, a leitura desse inventário de coisas ditas só tem sentido se certa *historicidade* estiver em jogo; se, apesar do aparente imediatismo do programa, a história do dizer for novamente posta

a circular; se houver, nas palavras de Lévy, *atualização*, isto é, uma resposta a esse dizer *desterritorializado* que a virtualização produz, uma convocação a sair da inércia, uma reterritorialização (1996, p. 19 et seq.).

Assim como as redes sociais virtuais contemporâneas, os *hypomnemata* dos quais trata Foucault não podem ser confundidos com diários íntimos, relatos de experiências ou simples narrativas de si mesmo. O movimento a que visam é justamente oposto: “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o *já dito*; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a *constituição de si*” (FOUCAULT, 1992, p. 137, grifos nossos). Pensando sobre essa função de recolhimento e elaboração do já dito, talvez pudéssemos compreender o papel das redes sociais em construir uma subjetividade específica, um tipo de eu que se mostra, se dá a ver e se expõe com base numa prática de *cuidado de si* construída também pelo e para o *governo dos outros*. Os cadernos de notas, se se pode dizer, e as notas postadas nas redes sociais também, não têm a pretensão da exaustividade ou da sistematicidade, são práticas de disparidade, de escolha e reunião de elementos heterogêneos regidos pelo princípio “da verdade local da máxima” ou por “seu valor circunstancial de uso”, como interpreta Epiteto lido por Foucault. Ambos são dizeres altamente dependentes da situação de enunciação, mas, como dissemos, as postagens nas redes sociais são regidas por um *imaginário de instantaneidade* que deixa em segundo plano o fato de que um passado/presente é recortado pelo sujeito e lançado à sorte do encontro (direcionado pela memória metálica) com outros leitores/usuários.

Por outro lado, se a unificação ou a formação de um conjunto a partir dessas notas heterogêneas não pode se dar por uma unidade temática, ela é alcançada, no caso dos *hypomnemata*, com a constituição de um escritor. O exercício da escrita desses fragmentos heterogêneos unifica, produz um sujeito. Essa subjetivação é urdida por meio de metáforas como a colheita do

néctar pela abelha, a digestão ou a adição de números numa soma. Em comum, essas comparações têm o fato de que nem o objeto do qual se fala nem o sujeito que o recolhe saem intactos desse processo. O papel dessa escrita é constituir um corpo, um corpo que digere o que lê, que se apossa de ideias, coisas vistas e vividas e as transforma “em forças e em sangue”, ou seja, no próprio escritor (FOUCAULT, 1992, p. 143). Mas, no caso das redes sociais, o resultado subjetivo – aquele que forma e afeta o sujeito – dessa operação de escrita de si parece não estar tão delineado. Em que se transforma o sujeito que se escreve nas redes sociais?

Em termos imaginários, as redes sociais parecem poder re-produzir todas as formas-sujeito, todos os lugares sociais, todas as posições discursivas. Na rede, o sujeito pode ser idêntico a si mesmo ou criar um personagem de si, um seu duplo ou uma invenção aberta, múltipla, que pode tomar qualquer forma. Extremo da flexibilidade. Mas, como veremos, os espaços para se colocar no mundo virtual são estreitados pela vigilância do outro e da máquina, o que, muitas vezes, limita as possibilidades de dizer, mas também projeta um futuro para essa escrita. Ainda que metálica e de alguma forma já prevista pelo programa, constrói-se virtualmente a perspectiva de uma reação, de um devir: ser seguido, obter uma resposta, um *retweet*, uma citação ou uma curtida, gestos virtuais que podem apontar outros sentidos, diferentes da demanda pela novidade constante, para o estar na rede e no mundo.

## **Injunções ao *falar de si* nos perfis do Twitter**

Para compreendermos o contexto em que as autodescrições são produzidas no Twitter, é preciso entender as exigências de funcionamento dessa rede social. Quem deseja ter acesso ao *site* deve abrir uma conta, fornecendo informações como nome completo, endereço de *e-mail*, senha, nome de usuário. Aqui já podemos fazer uma parada e questionar o sentido do sintagma “abrir

uma conta”. Qual é a memória discursiva desse enunciado? Podemos “abrir uma conta” no banco e aí sermos clientes que confiam seu dinheiro aos cuidados de uma instituição que protege, assegura, empresta, adianta, paga e cobra por esses serviços. Podemos também (ou podíamos, não sei... talvez não mais nas grandes cidades, mas, em pequenos bairros ou cidades do interior, essa ainda seja uma prática corrente) “abrir uma conta” em uma loja para que as compras sejam anotadas em um caderno, uma ficha. Nesse caso, temos um crédito, um prazo para o pagamento. Podemos (isso sim nas grandes cidades) “abrir um crediário” para parcelar compras em muitas vezes, geralmente de mercadorias mais valiosas, mobiliário e eletrodomésticos. Esse breve repertório de situações nos mostra que “abrir conta” tem historicamente um sentido diferente de “fazer cadastro” ou “identificar-se”. “Abrir conta” implica um comprometimento, uma dívida, um pagamento, uma anuência. E a própria palavra “conta” está, em geral, associada a dinheiro, valores, quantidades. A conta é uma soma do que se tem e do que se deve. No caso de redes sociais como o Twitter, uma conta é o saldo do que se pode fazer, do que se fez e do que se possibilita a outros fazerem com as informações e ideias que ali circulam, inclusive comercialmente. Na distinção proposta por Lévy (1996), essa é uma forma de *atualização* do que se *virtualiza*: “abrir uma conta” no Twitter é se colocar também na rede de sentidos dos valores, tanto financeiros (disponibilizando informações sobre preferências, costumes, padrões de comportamento e consumo) quanto afetivos (buscando reconhecimento, participação, seguidores, curtidas, opiniões, definições de si).

Uma segunda parada pode ser feita sobre a denominação do detentor da conta. Aquele que se cadastra e abre uma conta no Twitter é um “usuário”. Diferentemente das relações urbanas estabelecidas com o banco ou a loja, em que o detentor da conta é um *cliente*, nas relações virtuais ele é um *usuário* que utiliza os serviços oferecidos sob certas condições, desfruta do que o *site* lhe oferece, mas não está sob a proteção do contrato ou adquire o direito do

comprometimento do *site* como no caso do *cliente* do banco ou da loja que estabelece uma relação de consumo, de contrato com aquele que lhe fornece produtos e serviços.

Esse usuário que abriu uma conta deve, por fim, identificar-se em um espaço denominado “perfil”. O nome “perfil” tem seu sentido ligado ao campo das artes visuais, da pintura ou da fotografia e designa o contorno de uma visada, um ângulo no retrato de uma pessoa. Esse substantivo também é convocado para nomear seções de revistas que oferecem uma descrição de pessoas famosas, de algum interesse, artistas etc. Nesses casos, o perfil é sempre de alguém, não de alguma coisa. O perfil carrega ainda a ideia de parcialidade, de incompletude, de ponto de vista e de contorno, delineamento, descrição: temos aqui indícios de *virtualização*, espera por interpretação, *vazio motor*, como entende Lévy (1996, p. 18).

**Perfil**  
Esta informação aparecerá no seu perfil público, resultados de busca e mais.

Agora edite suas fotos e bio direto do seu perfil. ✕

**Foto**  **Alterar foto ▾**  
Essa foto é sua identidade no Twitter e aparece nos seus Tweets.

**Capa**  **Alterar capa ▾**  
Dimensões recomendadas de 1500x500  
Tamanho máximo do arquivo é de 5MB  
[Precisa de ajuda? Saiba mais.](#)

---

**Nome**   
Digite seu nome verdadeiro, para que as pessoas possam te reconhecer.

**Localização**   
Em que lugar do mundo você está?

**Website**   
Possui algum site ou blog? Digite o endereço aqui.

**Bio**   
Fale sobre você em 160 caracteres ou menos. 160

Sendo um espaço para a identificação do usuário de uma conta no Twitter, o perfil reúne um conjunto de informações divididas em seis elementos que devem ser preenchidos a partir de breves indicações, perguntas ou alertas. Abaixo do título da seção “perfil”, encontra-se um aviso: “Esta informação aparecerá no seu perfil público, resultados de busca e mais.” Seguem-se campos para que o usuário: a) insira uma foto (“Essa foto é sua identidade no Twitter e aparece nos seus *tweets*”); b) escolha uma imagem de capa (“Dimensões recomendadas 1500x500, tamanho máximo do arquivo é de 5MB. Precisa de ajuda? Saiba mais.”); c) precise seu nome (“Digite seu nome verdadeiro, para que as pessoas possam te reconhecer”); d) especifique sua localização não virtual (“Em que lugar do mundo você está?”); e) divulgue seus endereços eletrônicos (“Possui algum site ou blog? Digite o endereço aqui.”) e, finalmente, descreva-se em uma espécie de biografia sucinta, indicada pela abreviação “bio” (“Fale sobre você em 160 caracteres ou menos”).

Informação, identidade, reconhecimento, 160 caracteres ou menos. Palavras e expressões que definem quem se pode ser nesse *espaço virtual de relações sociais*. Insisto nisso porque a *virtualidade* desse espaço não deixa de ter uma *materialidade* (CASTELLS, 1999; LÉVY, 1996). Sendo *virtual*, e com as especificidades que esse virtual coloca, esse é um espaço de relações *sociais, reais*. O virtual não é uma fantasia, um mundo à parte ou paralelo. O virtual é um dos espaços em que se constroem as relações sociais na contemporaneidade. Talvez o principal deles. Nele as pessoas se colocam, pensam, se informam, se inscrevem para estabelecer ligações com o outro e com a vida política e social. O virtual é um meio com história e memória, não um espaço sem precedentes, inédito e original da pós-modernidade. Ele é regido pelo imaginário da flexibilidade e da conectividade. A sociedade em rede produz, assim, um efeito de completude do sujeito e também, como salienta C. Dias (2013, p. 60), de totalidade da memória como possibilidade do “ser inteiro”, dessa memória de metal que armazena um número cada vez maior

de dados e elos, como se pudesse ser o todo e garantir todas as conexões. Daí a tentativa de compreender os processos de identificação do sujeito na rede a partir da ideia de “fragmentários” de si. Diante do excesso de informações e de formas de ser, o sujeito encontra um lugar parcial e provisório de subjetivação. Nesse sentido, seria interessante nos questionarmos pelas consequências desse *efeito de rompimento* com a temporalidade, pela construção de um *imaginário de instantaneidade*, que se produz nas redes sociais. A memória discursiva é sempre uma relação do dizer com o tempo (história) que se dá pelo esquecimento, pelo equívoco, pelo imprevisto. Já a memória que estrutura o espaço virtual é, como afirmam Orlandi (1998) e Dias (2013), uma memória guiada pela capacidade de armazenamento de informações, fatos e acontecimentos (a-histórica). Para a máquina:

[...] não se trata de um acontecimento cuja lembrança produziu uma memória num tempo outro, trata-se de um acontecimento estabilizado num tempo específico, jamais esquecido, por isso, capaz de reprodução. (DIAS, 2013, p. 69)

A máquina não tem inconsciente, tem *bits*. Falhas são problemas técnicos, não condição da linguagem. Contradições são erros de programação, não o desenrolar da história. A falta é mera obsolescência, não espaço vazio, premente de respiro, de desejo, do novo. Mas é importante enfatizar que o sujeito que opera a máquina o faz por meio da linguagem e seus deslizos, do inconsciente e seus resíduos, da história e suas contradições. E que a virtualidade dos dizeres na internet pode ser atualizada de muitas formas, às vezes imprevistas, outras como se espera. Ainda é do funcionamento da linguagem, no jogo entre regra e desvio, tradição e inovação, submissão e liberdade, que tratamos ao pensar a inscrição do sujeito na rede virtual. Mas a presença maciça da informática e suas miragens de controle, poder e ubiquidade produzem efeitos específicos na subjetividade.

Em seu ensaio sobre o sujeito na contemporaneidade, J. Birman (2014) sustenta que a subjetividade está funcionando atualmente como se vivesse num *eterno presente*, tal como o *efeito de instantaneidade* proporcionado pelo *feed* de notícias das redes sociais virtuais. Esse cenário de intensa *atualização* (resposta, solução, transformação) deixaria pouco espaço para a virtualização (premência, devir, movimento), como entende Lévy (1996). Na análise de Birman, a dominância do aqui/agora culminaria num *esvaziamento* da experiência subjetiva operado pela *flexibilização* extrema a que o sujeito é obrigado no mundo contemporâneo: o futuro é agora.

A partir desses apontamentos, podemos pensar em contrapontos para esse *abismo* de flexibilidade e instantaneidade – ainda que aparente – à beira do qual o sujeito tende a ser lançado contemporaneamente. Como todo instante (atualidade) está necessariamente inscrito em uma sequência (história), há sempre possibilidade de haver pontos de fuga. E os modos de o sujeito resistir aos imperativos da sociedade em rede, que se assenta sobre a necessidade de conexão, da velocidade e da completude, estão sempre relacionados à natureza da linguagem. Buscaremos então recolocar as questões discutidas até aqui na análise de um fenômeno específico: o aparecimento de formas de negação nos perfis do Twitter. O que faz o *não* em um espaço onde se esperam afirmações? Como age a imprecisão no lugar das definições? O que significa a negação como forma de falar de si? Analisaremos a seguir alguns enunciados negativos e suas condições de produção vislumbrando sempre o modo como a subjetividade se constrói no espaço virtual contemporâneo por meio das formas linguísticas empregadas na enunciação de si.

## O Twitter e suas histórias instantâneas

Movida pela primazia do presente sobre o passado ou o futuro, a página de *tweets* de um usuário está sempre acumulando novidades. Seu perfil, ao

contrário, pode manter-se idêntico desde o cadastro inicial ou, no melhor dos cenários, receber esparsas atualizações. O perfil é geralmente preenchido na pressa em participar da rede e pode permanecer esquecido pelo titular durante longos períodos, mas é o primeiro item visualizado pelos demais usuários que acessam uma determinada conta. Com alguns cliques em perfis sugeridos pelo próprio *site*, recolhemos o material que é objeto de nossa reflexão neste texto. Entradas ocasionais e desprezíveis, que seguiam o ritmo de um olhar errático pela tela, apontaram uma recorrência: falar de si por meio de uma negação. Essa é a regularidade dos recortes que analisaremos.

Em termos linguísticos, podemos dizer que a negação é um universal nas línguas (OTHERO, 2007) e pode se efetivar por meio de diversos marcadores, como partículas de negação (não, nem, nunca, jamais, sem, nada, agora, ninguém, nenhum), sufixos (i-, in-, a-, an-, dis-, des-), itens lexicais, expressões, relações de antonímia, antítese e oposição lexical e sintática. Enunciativamente, a negação pode funcionar como a *descrição* de um estado de coisas, como um questionamento *metalinguístico* a uma afirmação anterior ou instaurar uma *polêmica* entre pontos de vistas antagônicos (DUCROT, 1981; CULIOLI, 1996). Quando introduzimos a dimensão político-ideológica na reflexão sobre a negação, podemos pensar também que o *não* pode instaurar uma polêmica inconciliável entre posições-sujeito que não se escutam, ao que D. Maingueneau (2005) denominou *interincompreensão* e que F. Indursky (1990) desenvolveu como um dos funcionamentos discursivos da negação que coloca em cena o repúdio, a refutação, a recusa do outro. Nos perfis que analisamos, o *não* (em suas diversas formas de manifestação linguística) funciona, sobretudo, como um marcador da tensão no ato de se definir. Essa tensão pode ser interpretada como uma busca por *virtualização*, mantendo em questão a definição de si e jogando com as distinções previamente instituídas.

O clichê do “moreno, alto, bonito, sensual” é, por exemplo, mutuamente afirmado pela imagem e suspenso pela negação *a posteriori* – possibilitada pelo

acréscimo do adjetivo “mentiroso” – dessas características. *Não sou nada disso que se espera*, diz o sujeito. *Mas sou exatamente como previsto*, diz sua imagem de dúvida e desconfiança. Também “não sou Twittero de primeira”, como se presume de alguém que frequente esse ambiente virtual, mas há um desejo de participação e integração a esse espaço balizado por algumas das relações sociais que se dão fora dele (o perfil do esportista-campeão aludido na imagem e a menção ao time do coração). Novos predicados e anseios surgem a partir da conexão pela rede. Os estereótipos se perpetuam nela também. E a falta de algumas características fica em evidência no modo como o sujeito se percebe e se projeta. Vemos que, ao dizer “não”, o sujeito deixa escapar sua angústia diante de um *mundo semanticamente normal*, com espaços demarcados e atributos pressupostos, apesar da aparente segurança que transparece em suas imagens.



Recorte 1: O eu e a verdade

Outros perfis, por sua vez, reafirmam, por meio de formulações negativas, o imperativo da mudança e da incompletude que a sociedade contemporânea outorga como o singular produto de seu tempo: “Simplesmente não sou o msm.”, “metade”, “auto indefinível... sempre incompleta ;)”. Negações que funcionam como ratificação de um ideal de eu desejante e mutável.



### Recorte 2: Mudança e incompletude

E esses efeitos de transformação permanente, todo-poder e incompletude são decalcados da forma histórica que assumem a internet e a informática na vida social. Castells (1999, p. 57) mostra que as sociedades informacionais parecem se caracterizar pela supremacia da *identidade* como princípio organizador. Por identidade, o autor entende o processo pelo qual o sujeito se reconhece e se significa principalmente com base em um *atributo cultural* ou conjunto de *atributos*, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. Uma das consequências da sociedade em rede, promovida pelo grande alcance da informática, talvez seja a individualização, a exacerbação do eu e de suas características mais particulares. Castells (1999) nota, nesse sentido, que as pessoas estão deixando de se definir pelo que *fazem*, pela função social que exercem (como acontecia na modernidade), para organizar seu significado em torno daquilo que *são* ou acreditam ser. Mas o sujeito encontra dificuldades para afirmar quem é, já que nosso tempo prega a indefinição, a constante adaptação e a flexibilidade como grandes valores.

Nessa tensão de como se dizer, também não são raros os perfis que, no afã de se representar, apenas afirmam sua existência: “de fato sou”, ou

sua quantidade de existência: “sou de tudo um pouco”. Os perfis abaixo apresentam o mesmo nome, referem o mesmo endereço eletrônico e se definem fazendo apelo ao mesmo recurso. Seriam dois perfis da mesma pessoa? Seriam pessoas diferentes? Não sabemos. Interessante é que o próprio funcionamento do espaço virtual permite essas reduplicações, porque a rede faz circular um discurso metálico, reproduzível e acessível apesar do esquecimento do sujeito (que perde a senha, olvida seu nome de usuário, não lembra que já tem cadastro, abre outra conta e tecla outra descrição de perfil levado pelos mesmos parâmetros do *ser* contemporâneo...).



**Recorte 3:** O eu e sua quantidade de existência

É interessante notar que o reino do *indivíduo* se assenta sob a existência da *rede* virtual; a necessidade do individualismo é fomentada porque tudo está interligado, as informações estão em aberto e *tudo o que é sólido desmancha no ar*. Mas essa aparente fragmentação nada mais é do que um “efeito da vontade de totalidade”, como compreende Orlandi (2004, p. 29). Esse é o paradoxo, já que as redes virtuais *conectam e desconectam* indivíduos com base em sua *pertinência* na consolidação de objetivos *já previstos* pela própria rede. Sob a aparência da multiplicidade e do poder-ser sem limites,

o espaço virtual coloca em cena um *fluxo contínuo de decisões estratégicas* que promove uma divisão fundamental entre aquilo que Castells (1999) denomina o *instrumentalismo universal abstrato* (a tecnologia que possibilita a existência de um mundo interligado, multicultural e globalizado com suas informações sempre objetivamente à mão) e as *identidades particularistas historicamente enraizadas* (o indivíduo que habita uma parte do mundo, um país determinado, vive em uma família, pertence a uma classe social, gosta disso e não daquilo). “Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser”, sentencia o sociólogo espanhol (CASTELLS, 1999, p. 41). Se a prerrogativa da rede é ligar, conectar, criar pontos de interseção e um efeito de conjunto, ela o faz na base da especialização da identidade. São vários pequenos e únicos eus que se conectam porque têm opiniões a divulgar, uma vida a ser contada, informações novas, imagens de si e por si, testemunhos, fatos etc. etc. etc.

Essas formas subjetivas produzidas no mundo virtual não estão fora, certamente, da vida social real. A virtualidade é real, dizem Castells (1999) e Lévy (1996), e as comunidades que a informática cria, apesar de não serem comunidades físicas, são redes estabelecidas entre sujeitos individualizados pela sociedade da informação, são “baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada” (CASTELLS, 1999, p. 446). A rede não é uma simples imitação da sociedade, ela produz novas práticas de sociabilidade capazes de novidades em relação à antiga vida física, como transcender a distância a baixo custo, promover interações assíncronas e reforçar a tendência de “privatização da sociabilidade” pela construção de cadeias ao redor do indivíduo e do desenvolvimento de comunidades pessoais bastante diversas (CASTELLS, 1999, p. 446). Segundo o sociólogo, talvez a característica mais importante da multimídia seja que ela aceita uma grande *diversidade* de expressões sociais. O mundo virtual cria, assim, a ilusão do

*fim da separação* entre mídia audiovisual e mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Na internet tudo pode... E todas as formas-sujeito, da mais elitista à mais popular, encontram um lugar nesse universo digital que liga, integra, registra e disponibiliza infinitamente, produzindo o efeito de que tudo o que existe ou pode existir está na rede (CASTELLS, 1999, p. 458).

É nesse contexto de tensão entre abertura e completude, instantaneidade e armazenamento, conexão e individualidade que o sujeito é convocado a se definir. Mas ele precisa descrever-se com alguma especificidade nesse espaço aberto a todos, ele quer encontrar-se como diferente num ambiente massificado. Dizer o que *não é* pode ser uma saída...

No imaginário do falar de si, está pressuposto o funcionamento da afirmação, mas a autodescrição por meio da negação aparece, como vimos, frequentemente nos perfis: “nao ha muito sobre mim o q falar. i’m a imagination!!!”. A escrita de si nas redes sociais virtuais é assim improvisada, abreviada, grafada em minúsculas. Ela mistura, arranja e inventa línguas para codificar o sujeito. Um sujeito que não encontra modos afirmativos de se autodefinir em um mundo veloz, que muda, exige plasticidade e readaptação. Autodefinições misteriosas, que usam o recurso da citação aludida e do verso elíptico também contribuem para o efeito de indefinição sobre o qual se assenta o sujeito na rede. Esse mesmo sujeito que, contraditoriamente, no plano do visual, está sempre em busca do próprio reflexo e que deseja cernir uma autoimagem bastante declaratória.



**Recorte 4:** Eu-devir, sempre-eu

No bojo dos vários funcionamentos da negação nas definições de si, há também perfis que focalizam uma falta, uma não característica, um paradoxo: “bairrista *desnaturado*”; há outros que deixam à mostra o processo de seleção do que dizer de si: “boêmio e pai de família” (também um paradoxo), sou também outras coisas, mas “o resto não interessa...”; há ainda os que, não encontrando algo de positivo para afirmar de si, escolhem se definir por uma negação absoluta, uma declaração de nada dizer sobre si afirmando que têm muitos defeitos: “nada a meu favor”.



Recorte 5: Eu-sem, eu-isso, eu-nada

Talvez as autodescrições pela negação sejam justamente os tais pontos de fuga (constitutivos do sentido) que o funcionamento da máquina parece barrar. Num algoritmo que repete, fixando o mais atual, o sujeito se diz de modo provisório. A negação funciona como fronteira entre *o que sou* e *o que posso ser*. Se a máquina quer saber sobre o agora, não sei o que posso ser... Em termos de definição, a negação é mais aberta do que a afirmação: não sendo *isso* especificamente, posso ser *muitos* outros. Mas não podemos encarar a negação como uma resistência absoluta aos sentidos postos em circulação pelo capitalismo adaptativo contemporâneo. O fenômeno negativo pode ser entendido aqui, tal como na psicanálise, como uma *formação de compromisso* entre as insistentes demandas de flexibilidade que a sociedade atual coloca ao desejo do sujeito de pertencer (massificar-se) e, simultaneamente, ao desejo igualmente forte e inapelável de ser único, resguardar sua identidade, mas mudar. Quero ser ao mesmo tempo um *eu-autêntico* (virtual) e um *eu socialmente aceito* (atual), por isso me perco nos meandros de um *ser* através do *não-ser*, enveredo na busca por um instantâneo (provisório) de mim...

## Quem (não) sou ou os sentidos da negação

Para amarrar um pouco as discussões que fizemos em torno da negação nas autodescrições do Twitter, proponho que investiguemos brevemente algumas ideias em torno dessa noção enfocando, sobretudo, os efeitos da negação na construção da sociabilidade e na constituição do sujeito. Começemos por questionar o alcance de uma definição contrastiva da significação do não: dizer *não* seria o contrário de dizer *sim*, negar o oposto de afirmar. Mas um exame mais amplo do *funcionamento* da negação mostra algumas nuances importantes em relação a essa polarização, principalmente se pudermos questionar a anterioridade da afirmativa sobre a negativa e o caráter fundamental que a possibilidade de negar coloca para o sujeito em sociedade (DAULL-LAUREAU, 2010).

No processo analítico, por exemplo, Freud, num célebre texto de 1925, nos indica que, quando algo é negado, é preciso escutar também o que é que aí se afirma. Uma leitura psicológico-pragmática do papel afirmativo do *não* pode ver na negação um meio de dissimulação ou disfarce de intenções, mas o que Freud nos convida a pensar é que o *não* está sempre acompanhado de um *sim*. Essa concepção será filosoficamente muito produtiva para compreendermos que afirmação e negação funcionam de modo imbricado, já que não podemos negar a existência de uma coisa sem considerar, de fato, a própria existência do que se nega. Mas isso não significa que algo é necessariamente afirmado antes de poder ser negado. Muitas vezes é pela própria negação que algo pode existir. Não há afirmação que preceda essa existência, já que é pelo *não* que esse algo aparece. Nesse sentido, a negação seria um modo de subjetivação que, no movimento do *virtual*, busca escapar do *efeito de instantaneidade e fixidez* da máquina e, ao mesmo tempo, adequa-se à demanda contemporânea de ser sempre *atual e flexível*.

Já na história da filosofia e da lógica, a negação é frequentemente explicada como sendo o contrário da afirmação; ela é, por isso, entendida como

*reação* a uma situação, a um pensamento, a uma demanda. Nesse sentido, uma definição positiva, não dependente da afirmação, que podemos encontrar do *não* seria que ele é ao mesmo tempo *supressão* e *substituição*. Se o *sim* consente, afirma, confirma, concorda, acolhe, aprova, permite, garante alguma coisa; com tanta força, eficácia e interdependência o *não* recusa, reprova, descrê, nega, renega, denega, rejeita, renuncia, condena, censura alguma coisa em favor de outra. O interessante aí é que a afirmação satura e completa enquanto a negação pode ser elíptica e inacabada – não em relação ao que se nega, mas a propósito *do que se afirma quando se nega*. Definir-se com uma negação é afirmar uma potência, virtualizando-se quem se é e enviando um enigma à interpretação do outro.

Se a língua opera uma ruptura radical entre o sujeito e o mundo e ao mesmo tempo é a única condição de acesso (interpretação, recorte) à realidade, é também por meio de sua materialidade que a resistência e a mudança podem se manifestar. Insistimos, portanto, na compreensão do fenômeno da negação como tendo, antes de mais nada, um papel simbólico na construção das relações entre o sujeito e o mundo por meio da linguagem (FEDATTO, 2014). No caso das práticas contemporâneas de escrita de si que buscamos aqui compreender, podemos extrair três modos de funcionamento da linguagem no espaço virtual materializados na negação:

- (1) a aparente *instantaneidade* do ser no mundo virtual não deixa de participar da *longa história* dos modos de dizer de si – o sujeito diz de si em relação ao que *já* foi dito, projetando um futuro dos dizeres sobre si;
- (2) os efeitos de *plasticidade* projetados e cobrados do sujeito estão contrapostos aos *imperativos* do funcionamento do programa e da própria linguagem – o sujeito não pode dizer *tudo* de si;
- (3) a exigência de *completude* decalcada do efeito de complementação entre o virtual e a realidade, entre minha imagem e minha vida, esbarra no fato de que o virtual é tão real quanto a realidade física e de que há vários tipos de real – o mundo em que o sujeito diz de si é organizado pelo imaginário da *fragmentação*.

O “não” simboliza, no limite, uma *ausência de definição* pela intervenção de uma *presença mais indefinida*, isto é, algo que é da ordem do *virtual* (tanto do *dever* no mundo quanto das possibilidades de significar *quem sou eu* em uma rede virtual de relacionamento) *atualiza-se*, produzindo *descontinuidades*, *incertezas*, *provisoriamente*: não sou muitas coisas...

FEDATTO, Carolina Padilha. Self-reference on the internet: a place for who I am (not). **Revista do Gel**, v. 12, n. 1, p. 81-108, 2015.

**ABSTRACT:** *In this paper we will reflect on the subjective constitution and on the circulation of language in the virtual space through the analysis of Twitter profiles in which the subject describes or introduces himself/herself using a negative. We consider that the virtual has a historical existence ruled by the fixity of the metallic memory as well as by the becoming-subject in the discursive memory. Due to those characteristics, online self-writing assumes a temporary narrative form, towards the future of not-becoming or of becoming-others, in opposition to the effects of the immediateness, instantaneousness and entirety of the information fed by the net. From that point, we question how the subject inscribes himself towards in the net that tends to entirety and what the effects of the virtual on his constitution are. Drift, suspension and ubiquity are some of the ways to virtualize oneself, to see and be seen through the screen, effects of meaning which are not without consequence to the social life out of the screen and which find in denial a way of dealing with the contradictions of the contemporary.*

**KEY-WORDS:** *Self-writing. Language Technologies. Negation. Discourse analysis and Psychoanalysis.*<sup>3</sup>

## Referências

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 01. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

---

<sup>3</sup> Agradeço à Ana Paula Lemos Capellani pela tradução do resumo.

CULIOLI, Antoine. Existe-il une unité de la négation ? **Mémoires de la Société de Linguistique de Paris**, La négation: une ou multiple?, nouvelle série IV, Paris, Klincksieck, p. 33-44, 1996.

DAULL-LAUREAU, Elisabeth. **Est-il facile de dire non?** Toulouse: Milan, 2010.

DIAS, Cristiane. A poética do cotidiano da rede. **Signo y Seña**, Buenos Aires, n. 24, p. 57-70, diciembre de 2013.

DUCROT, Oswald; BARBAULT, M. C. O papel da negação na linguagem comum. In: DUCROT, Oswald; BARBAULT, M. C. **Provar e dizer: linguagem e lógica**. São Paulo: Global, 1981. p. 93-104.

FEDATTO, Carolina P. **As funções do não na vida humana: notas para um percurso entre linguística, filosofia e psicanálise**. Monografia (Especialização em Teoria Psicanalítica) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1982].

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

\_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense, 2003. p. 203-222.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise. In: **Obras completas** v. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2010 [1917]. p. 240-251.

\_\_\_\_\_. A negação. In: **Obras completas** vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011 [1925]. p. 275-282.

INDURSKY, Freda. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 117-122, jul./dez. 1990.

LACAN, Jacques. Psicanálise e cibernética, ou da natureza da linguagem. In: **Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 [1955]. p. 367-384.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

ORLANDI, Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

OTHERO, Gabriel de Ávila. A negação nas línguas: um universal linguístico. **Revista do Instituto de Humanidades**, Unigranrio, v. 6, n. 23, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1997 [1969].

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 1998 [1975].

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006 [1983].

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.